

1

Introdução

Ao longo dos estudos de mestrado aprendi a importância de “tornar claro o lugar de onde se fala”. Por isso opto por trazer aqui, nessa apresentação pessoal, alguns itinerários percorridos por mim e que de alguma forma tornaram possíveis as questões que apresento. Antes de voltar a atenção para o campo da Mídia e Educação pude experimentar a pesquisa acadêmica em outros espaços. Ainda na graduação um programa de bolsas de iniciação científica me aproximou da pesquisa, no caso em História da Educação Brasileira. Naquele momento eu começava a ter em conta a existência de um conjunto de saberes e práticas que faziam do hábito de estudo algo bastante diverso e bem mais dinâmico do que boa parte daquilo que eu fazia em meus estudos de graduação. Durante dois anos (2000-2002) as atividades de Iniciação Científica me apresentaram à ‘cultura’ dos grupos de pesquisa, aproximando-me das leituras sistematizadas e de participações em encontros e seminários de área. É nesse momento que, pela primeira vez, sou tocado pela idéia de que uma pesquisa traz consigo, sempre, algo de inacabado, a ser retomado e possivelmente ressignificado.

Ao fim de meus estudos de graduação em Pedagogia continuei acompanhando grupos de pesquisa, já não mais no campo da História da Educação, mas nos estudos sobre cotidiano escolar que aconteciam na Faculdade de Educação da UERJ. Agora, eu estava mais próximo de estudos que se perguntavam sobre e procuravam dar conta da multiplicidade de fatores que tornavam possíveis a compreensão da escola. Uma escola que deixava de ser algo conceitual e genérico para render tributos aos acontecimentos cotidianos que eram vivenciados pelos que partilhavam de um mesmo espaço escolar. É no contexto desses estudos que surge o meu interesse pelas relações que se estabelecem entre Mídia e Educação.

É desse período (2001-2004) meu primeiro contato com os Estudos de Recepção latino-americanos, em especial com a teoria

das mediações tal qual a apresentava o colombiano Jesús Martín-Barbero. Naquela ocasião acompanhei por dois meses 20 alunos do ensino fundamental de uma escola particular. Num trabalho conjunto com uma das professoras da turma investiguei sobre as preferências deles diante do que era exibido nas TV's. Não só a diversidade de gostos e preferências como os porquês que os determinavam chamaram minha atenção para o fato de que deveria haver espaço suficiente no ato comunicativo para que os receptores produzissem significações distintas daquelas determinadas pelo emissor.

A empiria de que eu dispunha, sob a forma de entrevistas e videograções, dava conta de motivos semelhantes produzindo preferências televisivas distintas, às vezes antagônicas, nos sujeitos daquela pesquisa. Motivos aparentemente distantes um do outro também pareciam ser capazes de apontar para a formação de preferências que se diziam iguais. Foi um período intenso e que acabou por me levar ao GRUPEM.

Na condição de integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia – **GRUPEM** desde 2005, grupo coordenado pela professora Rosália Duarte (PUC-Rio), acompanho com crescente interesse parte das discussões e pesquisas relacionadas aos modos pelos quais os consumidores de produções midiáticas em geral e audiovisuais em particular estabelecem relações, interações e ressignificações de sentidos a partir do que é veiculado pelos produtores de conteúdo. Interesse-me, particularmente, pelo que parece ser esse alcance generalizado da experiência televisiva e o impacto deste no cotidiano de crianças e jovens. É a partir do contato com a pesquisa desenvolvida pelo GRUPEM – *Crianças, televisão e valores* morais – que tal interesse se consolida.

No decorrer das análises e discussões levadas a cabo no GRUPEM, pude perceber que as relações que as crianças acompanhadas ao longo de minha pesquisa mantinham com filmes apontavam maneiras de lidar com as produções cinematográficas que pareciam ‘alimentadas’ por um emaranhado de fios capazes de

levar e trazer o fluxo da vida em sociedade. Isso se dava muitas vezes com uma seletividade reveladora, levando-me a perguntar se a função de telespectador proporcionada pela relação com a tevê poderia estar atravessando a relação das crianças com o cinema. Com minha chegada ao GRUPEM, foi possível lançar mão de metodologias de pesquisa que, até então, eu não conhecia. A pesquisa de base etnográfica era uma delas tornando-se, para mim, uma metodologia a ser melhor conhecida e utilizada. Alguns dos métodos e conceitos formulados nos estudos de sociologia da infância passaram também a fazer parte de meu horizonte de pesquisa. A partir daí, considero ter iniciado um período no qual ainda me encontro. Hoje, há de minha parte uma maior preocupação com o recorte a ser feito e que se pretenda analisar.

Concluo essa apresentação pessoal talvez com menos certezas a respeito das pesquisas em Mídia e Educação, mas creio ter aprendido que pesquisar é surpreender-se a todo instante. Frustrar-se para em seguida ter as expectativas renovadas por pistas mínimas, colhidas no trabalho de campo e nas análises do mesmo.

O objetivo deste estudo é compreender melhor as relações que as crianças têm com filmes, procurando identificar e descrever o que vêem, do que gostam e o modo como se relacionam com aquelas narrativas. Ao propor um estudo sobre essas relações é preciso considerar que enormes contingentes populacionais, em especial os de menor poder aquisitivo, têm nos diversos formatos audiovisuais disponíveis uma ferramenta importante para sua socialização no mundo contemporâneo. Autores como Jesús Martin-Barbero (2001), defendem a idéia de que:

as maiorias na América Latina estão se incorporando à, e se apropriando da, modernidade sem deixar sua cultura oral, isto é, não por meio do livro, senão a partir dos gêneros e das narrativas, da linguagem e dos saberes, da indústria e da experiência audiovisual.”(MARTIN-BBARBERO, 2001: 34)

Nesse contexto, chama atenção o fato de a sociedade brasileira figurar entre as mais audiovisuais do planeta, em que

crianças e jovens são os que se relacionam de modo mais intenso e extenso com a produção voltada para televisão e cinema. Se levarmos em conta que, no Brasil, o tempo médio gasto diante de aparelhos de TV fica em torno de quatro horas diárias, estudos que procurem conhecer e compreender um pouco mais sobre a dinâmica das relações que se estabelecem no ato de visualização desses produtos audiovisuais ganham relevância.

A América Latina está bastante avançada na elaboração de teorias e métodos de pesquisa voltados para o estudo da recepção de produtos audiovisuais.

Pesquisadores como Jesús Martín-Barbero (Colômbia), Guillermo Orozco Gómez (México), Néstor Canclini (México), Beatriz Sarlo (Argentina), Valerio Fuenzalida (Chile), entre outros, vêm conquistando reconhecimento internacional com os trabalhos desenvolvidos em âmbito latino-americano.

De acordo com Orozco Gómez (2001), quatro principais fontes de mediação atuam sobre o processo de recepção: mediação **individual** (questões relativas à história de vida do sujeito, gênero, idade, etnia, desenvolvimento cognitivo e emocional e assim por diante); mediação **situacional** (diz respeito aos cenários em que se produzem as negociações e apropriações de significado, ou seja, as situações na quais se processam as relações entre a mídia e seu receptor); mediação **institucional** (diz respeito ao papel desempenhado na produção de sentido pelas instituições e organizações sociais das quais o indivíduo participa simultaneamente: Estado, família, escola, grupo de pares, Igreja etc.) e mediação **tecnológica** (trata-se dos mecanismos exclusivos da mídia em questão, isto é, linguagem e características técnicas que influenciam a recepção).

Essas diferentes fontes de mediação precisam ser levadas em conta quando se analisa a recepção de produtos audiovisuais.